

A Teoria de Alain Touraine sobre Democracia e Representação Política na Sociedade Contemporânea

GT 13- Reforma del estado, gobernabilidad y democracia

Rubia de Araujo Ramos¹

Resumo

Segundo Alain Touraine, a democracia seria o único regime de governo que possibilita e favorece a liberdade do indivíduo como ator de sua própria história, a autonomia individual e coletiva, visando igualdade e justiça. Para além de instituições democráticas, Touraine trata do que chama de *cultura democrática*, a combinação entre razão e subjetivação, objetividade da gestão pública e a experiência de vida vivida, entre os limites da democracia e do republicanismo. Nessa comunicação, a noção de democracia em Alain Touraine e as contribuições da mesma para a construção do conceito de sujeito formam o núcleo de questões presentes em obras do autor, que exponho a seguir, e que concerne o mundo pós-industrial, a sociedade do consumo e da comunicação.

Palavras-Chave: Modernidade. Democracia. Sujeito.

Resumem

Según Alain Touraine, la democracia sería el único régimen de gobierno que posibilita y favorece la libertad del individuo como actor de su propia historia, la autonomía individual y colectiva, asegurando igualdad y justicia. Además de instituciones democráticas, Touraine trata lo que llama de cultura democrática, la combinación entre razón y subjetividad, objetividad de gestión pública y la experiencia de vida vivida, entre los límites de democracia e el republicanismo. En esta comunicación, la idea de democracia en Alain Touraine y las atribuciones de la misma para la construcción de conceptos de sujeto forman el núcleo de preguntas presentes en obras del autor, que expongo a continuación y que concierne al mundo pos- industrial, la sociedad del consumo y la comunicación.

Palabras llave: Modernidad. Democracia. Sujeto.

Introdução

Preocupado com a autonomia de comunidades e grupos sociais locais de posição contrária ao poder da economia e da política global, Alain Touraine se dedica, desde os anos de 1970, a estudar e analisar sociedades em desenvolvimento considerando, em especial, questões culturais e a defesa das identidades. Para o autor, problemas próprios da sociedade pós-industrial se mostram como uma onda de crise, a saber: crise de representatividade, multiculturalismo, impactos ambientais, e insegurança econômica, são alguns exemplos citados por Touraine em sua larga produção sobre o processo singular do desenvolvimento da modernidade ocidental.

A experiência na América Latina do século XX, marcada por regimes ditatoriais, levou Touraine a concluir que a democracia seria o governo favorável a liberdade do indivíduo no contexto pós-industrial, empiricamente mantida mais pela ação de resistência do que de realização de seus

¹ Mestre pelo programa da Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP.

objetivos. Segundo Touraine, na contemporaneidade, não cabe mais falar em democracia apenas em termos normativos e institucionais, mas também em termos culturais sem perder de vista as dimensões democráticas – divisão dos poderes, instituições públicas, direitos civis -, a representação e a participação dos indivíduos como atores, noutras palavras, o autogoverno.

Para apresentar a perspectiva touraineana de democracia e sua relação com o conceito central de sujeito, dois outros conceitos parecem indispensáveis para compreender o mundo contemporâneo, a saber, *dissociação* e *desmodernização*. O texto que se segue busca apresentar a aproximação entre a construção teórica do autor para compreender transformações obtidas pelo processo de modernização, sobretudo, o capitalismo tardio, e suas contribuições para uma Sociologia da Ação.

Democracia no Contexto do Novo Paradigma Social

Se tivéssemos que iniciar essa comunicação com uma questão provocativa que abrisse o debate para introduzir as principais ideias de Alain Touraine, poderia ser: *Como a política e a cultura política poderiam corresponder à realidade de sociedades contemporâneas?* – Esta pergunta nos indica o pressuposto de que haveria uma lacuna entre a política e a vida cotidiana dos indivíduos nos dias atuais. Tal lacuna corresponde ao conceito de *dissociação*, aplicado por Touraine para descrever características do novo paradigma, em que as práticas e o sentido simbólico das mesmas estariam separados, assim como o mundo objetivo separado do mundo subjetivo, a esfera cultural. Desse modo, a sociedade pós-industrial caracteriza-se pela separação entre instituições políticas e atores sociais.

Em resumo, o autor descreve três fenômenos importantes como resultantes do processo de desenvolvimento da modernidade, eles são, a crise do social; a violência generalizada que rejeita valores sociais estabelecidos no período industrial, anterior ao pós-industrial; e as novas reivindicações culturais, tanto como apelo ao sujeito pessoal quanto como reivindicação por direitos coletivos que se referem aos direitos culturais (2007, p. 23)².

A crise do social se refere à crise de instituições sociais e políticas, a fragilidades dos sistemas democráticos ao abrir espaço para interesses econômicos e culturais associados a políticas externas, criando tensões entre demandas o Estado nacional e suas relações internacionais. Segundo o autor, o mundo estaria dividido entre economia global, que pressiona os Estados, e as culturas locais, que o pressiona por outro lado. A democracia e o espaço público estariam degradados pela fragmentação da sociedade, dividida entre a defesa da cultura e a obsessão pelo consumo de massa. Desse diagnóstico, Touraine buscou novas categorias para compreender a dinâmica social contemporânea, com expectativas de encontrar novas perspectivas para prevalecer o domínio da política e da vida pública, e principalmente, da participação dos indivíduos nos espaços comuns (1996, p.10).

Ainda sobre o declínio do social, Touraine aponta para a fragmentação entre vida pública e vida privada ser uma das causas para o enfraquecimento da esfera política, e observa a formação de um novo espaço público, que considero melhor compreendido pela ideia de mudança desse espaço. Parte da mudança desse espaço se deve ao fato de questões e temas da vida privada passarem a pertencer, também, a vida pública, tais como sexualidade e relações da família, os cuidados com as crianças, com os animais e qualquer relação pessoal e de dependência do cotidiano; estaríamos vivendo uma forte presença de conteúdos culturais na esfera pública, transferidos da vida privada para a ação política, levados para serem discutidos no âmbito do poder legislativo.

O conceito de *dissociação* está diretamente relacionado com a ideia de crise do social assim como o conceito de *desmodernização* está para a ideia de desconstrução de modelos construídos pela própria modernidade, um exemplo dado pelo autor seria a ruptura dos laços que unem a liberdade

² *Un nouveau paradigme pour comprendre le monde d'aujourd'hui*. Touraine, Alain (2007) Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje; Tradução de Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes.

peçoal e a eficácia coletiva (1998b, p.66)³. Essa união corresponde à unidade da modernidade, o desenvolvimento de tecnologias e meios de produção e a liberdade dos indivíduos. A desmodernização representa o enfraquecimento de instituições que trabalham em favor da representação social, dos atores sociais – são instituições modernas como Estado, sindicatos, escolas e organizações coletivas em geral. Trata-se de efeitos contrários ao projeto modernidade, de contrassensos da razão técnica, que indicam, nessa análise, desvios da própria modernidade, resultando em fragmentação entre o funcionamento das instituições e o individualismo moral, entre sistema e atores sociais.

A crise do social, na perspectiva de Touraine, corresponde à falta de unidade entre desenvolvimento e valores sociais e culturais. Devemos considerar que no período que corresponde a sociedade pós-industrial, segundo Touraine, as diferenças entre os homens não se devem apenas as relações de produção, sobretudo o conflito entre burguesia e proletariado. Para o autor, a cultura e a identidade registram com força grande parte do sentido das tensões no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a ideia de luta de classes não ocupa centralidade nas considerações do autor para tratar de conflitos na contemporaneidade, porque o núcleo dos conflitos estaria na dissociação do mundo objetivo e do mundo subjetivo, que divide, por sua vez, o indivíduo entre um e outro.

A análise que Touraine faz do contexto social da sociedade pós-industrial é demonstrada por uma espécie de ligação direta com efeitos sobre os indivíduos do meio. A fragmentação da vida social e a fragmentação do indivíduo entre a própria razão e seus desejos mais subjetivos. Sobre o indivíduo, Touraine nos chama a atenção para a frequência maior de o homem buscar se definir por sua individualidade, em relação à sexualidade, crenças, escolhas, e valores em geral, diferentemente do que se observa no período industrial, quando todos os homens eram definidos e se definiam pela função social que ocupavam. Com isso, podemos notar o sentido de crise do social, dado por Touraine, para expressar certa perda de força dos imperativos da esfera social, também entendida como perda de espaço do social para os mercados financeiros e a economia global.

O homem contemporâneo estaria lutando por reconhecimento de identidades, e por essa razão, a busca por *desenvolvimento auto-sustentável* da nação, como Touraine se refere, através da cultura democrática, chama atenção para que se fale mais de sociedade do que de Estado (1996, p.187). O *desenvolvimento auto-sustentado* seria um caráter de modernização que pressupõe a existência de um sistema de gestão democrática interna, sem indícios de dependência de agentes externos ou de uma modernização exógena, dependente de capital e de interesses estrangeiros.

A estratégia de falar mais em sociedade permite que se dê maior liberdade e autonomia aos indivíduos para tratá-los como atores da história moderna, e não como vítimas do sistema. Essa é a lógica do pensamento touraineano, favorecer, no limite, o potencial do ator como dono de seu próprio destino. Assim, a vitória do ator seria destruir a *dissociação*, que significaria a retomada da força existente na unidade entre as necessidades singulares dos indivíduos e a vida em sociedade, a participação na vida política e nas decisões de interesse público.

“A consciência de cidadania enfraquece-se porque muitos indivíduos se sentem mais consumidores do que cidadãos e mais cosmopolitas do que nacionais ou, pelo contrário, porque alguns se sentem marginalizados ou excluídos da sociedade – com efeito, tem o sentimento de que, por razões econômicas, políticas, étnicas ou culturais, não chegam a participar dela.” (1996, p.18)

A falta de participação social gera enfraquecimento de instituições de socialização. Preocupado com esse quadro, e a partir de sua análise do desenvolvimento da dinâmica social, Touraine conclui que somente através da ação política combinada à esfera cultural poderíamos sair da

³ *Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents*. Touraine, Alain (1998) Poderemos viver juntos? : iguais e diferentes; Tradução de Jaime A. Clasen e Ephraim F. Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.

crise da modernidade. Essa é a primeira conclusão do autor. Para ele, a condição democrática, como cultura e sistema político, impede dependências e dualidade entre o público e o privado, tratando-se de um espaço aberto e de diálogo. A lógica é eliminar a fragilidade dos sistemas políticos e dos Estados nacionais, o que inclui a participação cidadã, sem perder valores e ações que potencializam o sistema político democrático interno, o que significa proteger e fortalecer a defesa do homem como ator social e cidadão, incentivando o respeito pelas identidades e as filiações que fortalecem a formação da unidade nacional.

Necessidade de Cultura Democrática

“Se coloquei no centro desta reflexão a ideia de cultura democrática, para além de uma definição puramente institucional ou moral da liberdade política, não é para aumentar a distância entre cultura e instituições, vida privada e vida pública, mas para as aproximar e mostrar sua interdependência. Se a democracia pressupõe o reconhecimento do outro como sujeito, cabe à cultura democrática reconhecer as instituições políticas como espaço principal desse reconhecimento do outro.” (1996, p. 208)

Para Alain Touraine, a democracia na contemporaneidade exige uma complexidade maior, em termos normativos ela só atende as demandas da vida social quando mantida pela união da razão, do desenvolvimento econômico e da soberania popular e particular, atribuindo autonomia a todas as esferas da vida social. Em defesa da liberdade pessoal e do desenvolvimento interno, conquistado pelo fortalecimento de territórios nacionais, a definição touraineana de democracia se baseia na ideia de cultura, laços e filiações que possam existir num mesmo território político. O espírito democrático seria sustentado por conflitos e pelo elo formado pela identidade cultural.

A discussão touraineana sobre a democracia entende que o conflito é necessário quando ocorre entre atores sociais, no âmbito da sociedade civil, ou entre os atores sociais e o Estado. No contexto de cultura democrática ele ocupa o espaço político de debate, construindo uma democracia mais sólida, que busca justiça pelo caminho contrário ao da violência. Por essa lógica, Touraine atribui ao conflito a participação política como o meio seguro de manifestação de todas as classes e grupos sociais, seja minorias ou maioria.

O autor atribui valor ao conflito social, no sentido de que nenhuma esfera da sociedade é excluída do debate, nem mesmo em razão da contracultura e de sociedades alternativas. Sobre a importância de conflitos em sociedades democráticas, Touraine diz:

“Com efeito, não há democracia sem o reconhecimento de um campo político onde se exprimem os conflitos sociais e se tomam, por voto majoritário, decisões reconhecidas como legítimas pelo conjunto da sociedade.” (1996, p.95)

Nessa perspectiva a partilha cultural é fundamental, desde que haja um conjunto institucional que garanta o convívio entre a unidade da razão instrumental com a diversidade de identidades, memórias e interesses, noutros termos, Touraine se refere à sociedade política como fundamental para a formação da unidade democrática, porque seria o meio de luta e de afirmação dos direitos do homem diante do Estado pressionado pelos interesses econômicos. O aparato político assume, na perspectiva touraineana, a função de ferramenta da constituição da democracia interna, impedindo a submissão da unidade nacional a qualquer força externa.

Touraine conclui que nem o pensamento republicano e nem o liberal correspondem o ideal de democracia. O primeiro porque não garante a cultura democrática, a soberania do povo, e sua qualidade

seria mais política, onde a defesa do Estado é maior que a dos atores sociais. Touraine considera três características típicas do Estado moderno republicano, a saber, racionalização, espírito cívico e elitismo republicano, que, segundo o autor, se associam mais ao Estado mobilizador do que ao espírito democrático, de debate livre (1996, p.111, 115).

Alain Touraine observa o republicanismo como uma verdade imposta no pensamento moderno, consideração esta que desqualifica a república em relação à cultura democrática. Segundo o autor, o pensamento republicano criou uma concepção de si mesmo como guia da humanidade, há exemplo da burguesia republicana e liberal, justificada pela ideologia da razão. Essa crítica do autor ao modelo republicano tem como foco os problemas em torno das minorias, desconsideradas durante todo o processo de desenvolvimento da modernidade pelo modelo dominante, que se julga racional, esclarecido, e que se posiciona como vanguarda em defesa de todos.

Numa referência a Benjamin Constant, Touraine diz:

“(...) a ideia republicana ainda pertence à liberdade dos antigos e não conduz à liberdade dos modernos.” (1996, p.115).

Pela lógica do autor, o republicanismo inviabiliza autonomia para todas as esferas da vida social, favorecendo a sociedade política, distante do que Touraine chama por cultura democrática, ou seja, a autonomia de todas as esferas, política, econômica, civil ou cultural. Em resumo, podemos considerar que a cultura democrática se refere a defesa dos direitos individuais, sobretudo da identidade cultural, sendo o regime de governo e suas instituições mecanismos de defesa de indivíduos e atores sociais de outras formas de poder, sobretudo o poder externo ao território nacional. A ideia é reconhecer a liberdade da sociedade e de seus atores sociais.

Em termos organizacionais, a unidade moderna estaria na relação entre sociedade civil e Estado, sendo que a limitação do poder estatal indispensável para evitar que a gestão da sociedade seja a expressão de um discurso dominante e avesso à formação de uma sociedade democrática. Entre o Estado nacional e as relações internacionais, a liberdade é sinônimo de soberania nacional, portanto, autonomia política.

“Não há democracia que não seja representativa e a livre escolha dos representantes pelos governados não teria qualquer sentido se estes não fossem capazes de exprimir demandas, reações ou protestos, formados a partir de sociedade civil”. (1996, p.76)

A representatividade é outro princípio democrático e central no espaço político, ela pressupõe que demandas sociais sejam consideradas e respeitadas como elemento que pertence ao jogo das relações internas, que tenha respostas do sistema político. Essa concepção da representatividade vai de encontro com a definição de democracia apresentada pelo autor como um processo de afirmação e reconhecimento dos direitos e da liberdade das relações, em que todas as esferas da sociedade possuem autonomia, sobretudo civil e política, bem como a livre relação entre indivíduos nas organizações sociais. Na perspectiva touraineana, falar de cultura democrática é falar de reconhecimento da pluralidade cultural e social no mundo globalizado, nas palavras do autor, trata-se de um

“conjunto de garantias e procedimentos que garantem o estabelecimento de relações entre unidade e o poder legítimo e a pluralidade dos atores sociais.” (1996, p. 103)

Para haver representatividade seria necessária uma forte agregação das demandas dos diferentes setores da vida social, uma correspondência entre demanda social e ofertas políticas. A

integração das demandas sociais, segundo Touraine, deve ser operada no plano político, onde as mediações seriam realizadas por associações, clubes, jornais e grupos intelectuais, ambos com a função de orientação política à sociedade civil e de fonte para a criação de ofertas dos partidos políticos – sem que categorias sociais percam autonomia. Observo aqui que nesse sentido a razão instrumental está associada à ação de autonomia dos atores, e não o contrário.

Dimensões Democráticas

A exploração da Cultura democrática levou Touraine a defini-la por três dimensões e três esferas de composição. A representatividade, a cidadania e a limitação do poder são dimensões democráticas que, segundo o autor, se complementam sem deixar de existir em todas as esferas da sociedade democrática, a saber: o Estado, a sociedade política e a sociedade civil.

Touraine desenvolve sua análise da democracia a partir da sistematização dessas esferas pensadas separadamente, com o objetivo de compreender a relação de interdependência entre ambas e a composição de uma sociedade democrática. Na definição do autor, cabe ao Estado defender a unidade da sociedade nacional diante de ameaças e problemas externos ou internos, preservando seu território e sua história, as minorias e a criação cultural. O limite do poder estatal também faz parte da defesa do ator social e seus direitos fundamentais. Seja o Estado ou a sociedade civil, ambos devem agregar e combinar as três dimensões democráticas para se construir uma sociedade democrática.

A sociedade civil pertence ao domínio dos atores sociais e dos valores culturais compartilhados, das relações cotidianas, dos conflitos e negociações. A representatividade dessa esfera e a cidadania são fundamentais para a composição da cultura democrática, porque esta deve partir da sociedade civil e da política.

O sistema político teria a função de organizar uma unidade entre a diversidade existente na sociedade civil e no Estado. O principal fator de importância da sociedade política para a cultura democrática seria sua função de mediação das relações. Nesse sentido, Touraine afirma que a autonomia do sistema político faz parte do desenvolvimento da sociedade contemporânea democrática, possibilitando interdependência dos poderes, relação de intra-poderes, em que uma esfera exerce influencia sobre outra. (1996, p.50)

Touraine parte do princípio de que a esfera política, enquanto mediação entre unidade e diversidade, é o único meio legal para que os atores sociais garantam os direitos fundamentais do homem, ou seja, é somente pela via política e institucional que o indivíduo pode se perceber como cidadão e responsável pela construção da vida coletiva (1996, p.43). Sobre isso, o autor afirma:

“Somente o sistema político tem o encargo de fazer funcionar a sociedade em seu conjunto, combinando a pluralidade dos interesses com a unidade da lei, estabelecendo relações entre a sociedade civil e o Estado.” (1996, p.67)

Observamos que a representatividade política está no núcleo desse pensamento, que prevalece a qualidade das relações, e a esfera política democrática, enquanto mecanismo de mediação, representa uma construção da vontade humana em unir Estado e sociedade civil. A lógica apresentada por Touraine afirma que:

“A democracia define-se não pela separação dos poderes, mas pela natureza dos elos entre sociedade civil, sociedade política e Estado. Se a influência se exercer de cima para baixo, não existirá democracia; pelo contrário, chamamos democrática a sociedade em que os atores sociais orientam seus representantes políticos que, por sua vez, controlam o Estado.” (1996, p.51)

A ideia central da teoria touraineana da democracia está na consideração da relação entre poderes e a interdependência entre as três dimensões e esferas da cultura democrática. O autor escreveu uma frase bastante significativa. Ele diz: “*não existe qualquer equilíbrio ideal entre as três dimensões da democracia.*” (1996, p.46), noutras palavras poderia dizer: não existe um modelo ideal de democracia, por que ela não é um sistema fechado. Uma consideração que deve ser feita nessa reflexão é que a democracia é um sistema em constante desdobramento de suas potencialidades. Assim, nem a proposta dele, que centraliza o papel da sociedade política e a autonomia das esferas, daria fim aos problemas da sociedade contemporânea.

Seguindo a lógica touraineana para pensar o sistema democrático, destacam-se três modelos de democracia, três exemplos históricos para o debate político, identificados conforme o grau de importância dado a cada uma das três dimensões democráticas. O primeiro que Touraine cita é o exemplo da Grã-Bretanha, de tipo liberal que no século XX foi o “tipo inglês de democracia”. Esta dá maior importância à limitação do poder do Estado através de leis e do reconhecimento dos direitos fundamentais, de representação limitada de seus governantes, capaz de responder as demandas institucionais e sociais, Touraine a considera como “a mais importante historicamente” por que, segundo ele, este tipo protegeria melhor os direitos sociais.

O segundo modelo seria o dos Estados Unidos, aonde o sistema democrático tem por tradição dar maior importância à cidadania, as ideias que garantam a integração social. Vista pelo autor como uma democracia de valores mais morais, incluindo os religiosos, de objetivos mais próximos da igualdade do que do desejo de liberdade, a democracia americana seria composta mais de conteúdos sociais do que políticos, conforme Tocqueville já afirmara em sua obra sobre a democracia na América.

O terceiro tipo de tradição democrática tem como tema central a representatividade social dos governantes, quer seja uma classe dotada de privilégios ou de poder econômico. Touraine usa como exemplo a França, cuja instituição republicana dificulta a distinção entre sistema político e Estado (1996,p.65).

Touraine salienta que nenhum dos modelos apresentados (inglês, americano ou francês) é mais importante que os demais, todos tem o mesmo grau de importância para o estudo da democracia e para entender o processo de emancipação do regime democrático na modernidade. São tipos de democracia que ajudam a identificar os regimes liberal, constitucionalista e o conflitual – relacionados aos tipos democráticos na mesma sequência em que estão apresentados – associados aos modelos inglês, americano e francês.

Os três modelos servem de base para identificar os diferentes tipos de regimes democráticos, identificados em diversas situações históricas conforme a regulamentação, digamos assim, das dimensões democráticas que são qualificadas por Touraine como moral, social e cívica, que em outros termos seriam os princípios universais, os interesses particulares e o conjunto político.

Sujeito e Cultura Democrática

Considerando a definição de cultura democrática, construída por Touraine ao longo de aproximadamente quarenta anos, - entre seus primeiros estudos e a publicação de seu livro dedicado ao tema da cultura democrática, *Qu'est-ce que la Démocratie?* - trata-se da combinação de leis universais, diversidade cultural e liberdade individual, sem nenhum tipo de dominação entre vida pública e vida privada. A democracia como cultura é o constante esforço para manter uma unidade que combine diferentes faces da modernidade, impossíveis de unirem-se para formar uma única orientação. Como toda cultura, a democracia se mantém pela ação do sujeito que transmite o conjunto de valores da cultura democrática, ultrapassando sua dimensão institucional. Nas palavras do autor:

“(…) um regime democrático se baseia, portanto, na existência de personalidades democráticas e seu principal objetivo deve ser a criação de indivíduos-sujeitos capazes de resistir à dissociação entre o mundo da ação e o mundo do ser, entre o futuro e o passado.” (1996, p.176)

A maneira como Touraine apresenta a relação entre cultura democrática e sujeito revela que um reafirma o outro; a cultura democrática favorece a formação do sujeito - o ator que vê em si capacidades para combinar razão, tradição e identidade -, e este, por sua vez, fortalece essa cultura. O meio concreto que permite essa relação é a esfera política, o espaço de igualdade e debate, onde todos teriam condições iguais de participação para tratar questões de interesse público, partindo de projetos e interesses particulares, porém, de sentido e valores universais.

Se há cultura democrática não há chances de fragmentação. A fragilidade do sistema democrático estaria, segundo Touraine, nos efeitos dos particularismos e de toda forma de desassociação. Por isso, não basta apenas criar condições institucionais de liberdade, é preciso ter valores universais que sejam compartilhados pela diversidade, entre as diferentes referências sociais e culturais. Essa cultura democrática permite combinar o singular e o universal, a subjetivação e o racional, transformando o indivíduo em sujeito que reconheça as capacidades de ação do outro, assim como em si mesmo.

Do ponto de vista do ator social e do sujeito, o vazio entre o mundo da racionalidade e o das identidades traduz a falta de liberdade que, segundo Touraine, seria uma ameaça ao espírito democrático. A modernidade teria sido marcada pela busca da combinação desses dois mundos (racionalidade instrumental e as identidades), atualmente observada na separação do universo das técnicas e informação e o universo das seitas, dos valores étnicos e todo tipo de identidade cultural. Para Touraine, somente na esfera política é possível tal combinação, trata-se de um exercício político que estabelece relações a partir da valorização da diversidade (a riqueza contemporânea), da relativização cultural e do respeito pelos direitos universais.

O caráter construtivo da cultura democrática se baseia numa cultura diferente da cultura republicana. Mais independente do pensamento iluminista, essa construção combina razão e reconhecimento do sujeito através da educação, da formação da identidade pessoal, valorizando a capacidade criativa e as potencialidades do conhecimento racional, e na mesma medida, a liberdade e a identidade singular, que correspondem ao conjunto de qualidades que formam o ator e o sujeito contemporâneo. Nesse sentido, a educação é fundamental na legitimação do sujeito e no fortalecimento da cultura democrática, comportando três objetivos centrais: o pensamento científico; o reconhecimento do outro como sujeito e, portanto, força criativa e historicidade; e a criação de si mesmo a partir do conhecimento técnico e moral.

A importância da educação como instituição de construção da cultura democrática resulta das condições da sociedade pós-industrial, onde o elo entre vida pública e vida privada encontra-se enfraquecido, assim como a relação entre sociedade civil e sociedade política. Por todo o mundo contemporâneo, a economia global e os modelos estrangeiros de consumo dificultam a autonomia local e a responsabilidade do indivíduo sobre sua própria existência. Touraine afirma que nessas condições, “a cultura democrática não pode existir sem uma reconstrução do espaço público e sem um retorno ao debate político” (1996, p.207). Não há dúvidas de que essa reconstrução dependa da educação e de suas instituições, como a família, em primeira instância, mas principalmente a escola, que possui meios para combinar o conhecimento científico e a liberdade da identidade pessoal - o espírito da cultura democrática.

Considerações Finais

Nessa exposição buscamos tratar apenas de parte da noção de democracia na teoria sociológica de Alain Touraine. Considerando que a problematização do tema se desenvolve pela exploração e análise do autor sobre o desenvolvimento da modernidade, a relação ator social e meio social aparece como estrutura do quadro construído pelo autor. O sujeito é um importante objeto teórico e metodológico, trata-se do ator de cultura democrática, o indivíduo reflexivo e consciente que carrega consigo referências culturais da sociedade contemporânea, sobretudo efeitos da crise social, resultados da fragmentação.

O sujeito é o ator específico de seu tempo, ele busca saídas para reformular o modo de atuação na esfera pública e social através da combinação das esferas objetiva e subjetiva da sociedade contemporânea. Moderno por excelência, esse novo ator é capaz de formar uma unidade entre diferentes faces, entendidas pelo iluminismo como opostas, e nesse sentido, o sujeito compreende elementos importantes da vida social contemporânea.

As dimensões democráticas, distinguidas pelo autor, potencializam a liberdade e a participação do sujeito, os direitos cívicos, sociais e culturais. A leitura touraineana permite identificar o lugar do sujeito como central para o exercício democrático no contexto de crise do social. O sujeito aparece como parte importante, no limite, inovadora, da dinâmica social contemporânea, justamente porque pertence à crise do social ao mesmo tempo em que busca combatê-la, sua condição de existência apresenta-se como reflexo do contexto descrito.

Seguindo a lógica do pensamento de Touraine, a dissociação e a desmodernização são fenômenos que caminham em direção a formação do sujeito, como um contrassenso, o sujeito é filho da modernidade, agente reflexivo que luta contra problemas singulares de seu próprio tempo. A participação política combinada ao espírito democrático compõe a perspectiva touraineana para pensar a liberdade humana e o bem coletivo no período pós-industrial.

Observa-se que esse pensamento tem como objetivo retomar a força de atores sociais, o que poderíamos chamar como “retorno do ator”, um desafio da teoria touraineana, e que segundo Touraine deve começar no plano das ideias, do discurso, onde há poder de ação e decisão coletiva. Como vimos, o caminho apontado é a cultura democrática, a boa relação entre sociedade civil, sociedade política e o Estado, ambos compartilhando de um mesmo conjunto de regras e valores, noutras palavras, a emancipação do homem depende, em primeira instância, de relações no âmbito do território nacional. Apresentamos apenas alguns elementos da teoria sociológica de Alain Touraine, com a intenção de contribuir para o debate que existe em torno da autonomia individual e coletiva na passagem da sociedade industrial para a pós-industrial, tratando, desse modo, da problemática da democracia no cenário da pluralidade e da diversidade cultural.

Bibliografia

CONSTANT, B. (1982) *A liberdade dos antigos comparada à dos modernos*. Porto Alegre: L&PM.

TOURAINÉ, A. (2011) *Após a crise: A decomposição da vida social e o surgimento de atores não sociais*. Petrópolis: Vozes.

TOURAINÉ, A. (2008) *Crítica da Modernidade*. Petrópolis: Vozes.

TOURAINÉ, A. (1998a) *Igualdade e Diversidade. O sujeito democrático*. Bauru: EDUSC.

TOURAINÉ, A. (1996) *O que é a democracia*. Petrópolis: Vozes.

- TOURAINÉ, A. (1996) *O retorno do ator: ensaio de sociologia*. Lisboa: Instituto Piaget.
- TOURAINÉ, A. (1989) *Palavra e Sangue – Política e Sociedade*. Campinas: Ed. UNICAMP.
- TOURAINÉ, A. (2009) *Pensar Outramente. O discurso interpretativo dominante*. Petrópolis: Vozes.
- TOURAINÉ, A. (1998b) *Poderemos Viver Juntos? Iguais e Diferentes*. Petrópolis: Vozes.
- TOURAINÉ, A. (2007) *Um novo paradigma. Para compreender o Mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes.
- TOURAINÉ, A. & KHOSROKHAVAR, F. (2004) *A busca de si: Diálogo sobre o sujeito*. Rio de Janeiro: Difel.